



MAR

HELDER LUÍS

23 de Março, 2019 às 21:30

Cine-Teatro Garrett, Póvoa de Varzim



o nosso mar, Daniel Curval

Paisagem ancestral que nunca envelhece, imenso corpo de água que renasce entre as marés e se revitaliza no exercício *continuum* das ondas e das temíveis grandes vagas, por isso, o mar talvez seja o elemento do real mais difícil de captar, apesar da sua evidência que inunda os olhos, gerando espanto com a sua misteriosa natureza.

Uma das mais admiráveis características da identidade do mar é a sua indomabilidade que, desde sempre, provocou um eterno fascínio, estando na origem de várias simbologias e figuras mitológicas de antigas civilizações.

Inevitavelmente, a necessidade de representar o mar seja pela pintura, fotografia ou cinema tornou-se um desafio para os artistas visuais, assim como para escritores, romancistas e poetas.

Na História da Arte, a temática do mar foi, desde que há memória, um imenso oceano onde pintores, fotógrafos e cineastas mergulharam em busca da sua representação imagética entre a imagem fixa – pictórica ou fotográfica – e a imagem em movimento – o cinema – passando pelas composições musicais como a impressionista e simbolista *La Mer* (1905) de Claude Debussy. Porém tendo o mar um simbolismo enorme, possivelmente a sua evocação revela-se de forma mais transcendente na literatura e em particular na poesia, pois serve-se do imaginário e da ficção irrepresentável por imagens e sons.

A prosa poética da mais profunda saudação ao mar encontra-se no primeiro canto do sublime e único livro *Os Cantos de Maldoror* (1868) de Isidore Ducasse, Conde de Lautréamont "[...] Ó velho oceano, tu és tão poderoso que os homens aprenderam à sua custa. Bem

tentaram eles empregar todos os recursos do seu génio, mas foram incapazes de te dominar. [...] O medo que lhes inspiras é tanto, que te respeitam. Apesar disso, tu fazes valsar as suas mais pesadas máquinas com graça, elegância e facilidade. Fazes-lhes dar saltos ginásticos até ao céu e admiráveis mergulhos até ao fundo dos teus domínios [...] Eu te saúdo, velho oceano!"¹

De lembrar, ainda, a grande aventura de Ulisses no poema épico *Odisséia* atribuído a Homero, parte da epopeia nas águas do mediterrâneo, entre a mitológica fúria de Poseidon e os sedutores cantos das sereias. À natureza indomável, mais duas características essenciais unem o mediterrânico mar de Ulisses e o Atlântico mar dos Poveiros. Uma da ordem da física e da química: a água salgada. E uma outra, geográfica, imaterial e possessiva: uma *nuance* na planetária palavra "oceano" manifesta-se nas emoções das comunidades que vivem à beira-mar, quando nomeiam a paisagem onde diariamente trabalham e contemplam pela expressão "o nosso mar".

Seria tarefa infundável enumerar todas as pinturas, fotografias e filmes que têm o mar como temática visual ou narrativa em comunidades marítimas. Todavia sugere-se algumas referências como a xilogravura *A Grande Onda* (c. 1829/33) do mestre japonês Hokusai que tanto influenciou os pintores europeus do século XIX e as várias pinturas do mar e de vagas (entre c.1869/70) de Gustave Coubert, pioneiro do realismo; Na arte fotográfica *The Great Wave* (1857) de Gustave Le Gray reconhecido precursor da fotografia de paisagens marítimas e as intemporais *Seascapes* (1980) de Hiroshi Sugimoto (mais à frente sucintamente

confrontadas com a análise à instalação *MAR*). Sem esquecer o fotógrafo Artur Pastor que dedicou grande parte do seu trabalho, entre as décadas de 50/60, às comunidades piscatórias portuguesas.

Em Portugal, as primeiras imagens cinematográficas conhecidas pertencem ao britânico Henry Short que em 1896 filmou, em plano fixo, a potência das ondas do mar nas rochas da *Boca do Inferno* em Cascais. E até chegar à ficção documental *Ala-Arriba* de 1942, filmado entre a comunidade de pescadores da Póvoa de Varzim, já antes em 1930, Leitão de Barros tinha realizado a etnoficção *Maria do Mar*, entre os pescadores da Nazaré, ambos importantes filmes no campo da antropologia visual. Contudo não se poderia deixar de assinalar outros cineastas e filmes, entre o documentário e a ficção, como *Terje Vigen/O Lobo do Mar* (1916) de Victor Sjöström; *Man of Aran/O Homem e o Mar* (1934) de Robert J. Flaherty; *La Terra Trema* (1948) de Luchino Visconti; *Stromboli* (1950) de Roberto Rossellini; *Nazaré* (1952) de Manuel Guimarães; *Moby Dick* (1956) de John Huston e o documentário homónimo do célebre livro *A Campanha do Argus* (1951) de Alan Villiers que remete para *Captains Courageous/Lobos do Mar* o filme de 1937 realizado por Victor Fleming em que Spencer Tracy interpreta o papel de um marinheiro de origens portuguesas a bordo de um bacalhoeiro. Para concluir, que não há trainas suficientes para tantas referências, entre muitos outros inesquecíveis filmes da história do cinema, o belíssimo melodrama nas águas do mar Cáspio *À Beira do Mar Azul* (1936) de Boris Barnet.

A instalação cinematática *MAR* (2018) de Helder Luís sintetiza-se em três longas sequências de imagens em movimento e sonoridades musicais sobre a experiência do que é navegar no alto mar. Um confronto com a matéria água de uma imponente massa volumosa, por vezes com a forma de uma montanha ou de uma parede, que é necessário subir, descer ou atravessar. Essa massa insubmissa de água, que se transforma em ondas e vagas de matizes negras, é o mais impressionante nesta instalação.

A primeira apresentação pública da instalação *MAR* ocorreu na Capela da Casa de Serralves (MAC, Porto). Estes espaços associados ao elemento religioso ou pelas suas características despojadas são os mais indicados para o recolhimento que a obra *MAR* exige. Ao espectador apela-se a um atento visionamento e disponibilidade para assistir a esta viagem de ida e volta, pois sem essa entrega não é possível fruir toda a intensidade audiovisual e artística da obra. Muito pouco, se comparado com o que é exigido na vida de um pescador.

A instalação *MAR* define-se numa envolverência de navegação no “nosso mar”, através de imagens da densa água salgada, dos seus sons naturais, das vozes dos pescadores, das comunicações via rádio e das ladainhas das mulheres em terra evocando a vertente religiosa e familiar da comunidade piscatória poveira.

A figuração do pescador manifesta-se na sua ausência. Ele está presente, mas nunca se vê, a sua representação traduz-se na viagem, na navegação e no seu trabalho filmado no limite do visível, na escuridão da

noite, enquanto se labuta na faina da pesca até à aurora, para de novo seguirmos viagem de regresso a terra.

Uma conhecida lenda sobre o desafio de representação do mar está relacionada com o pintor romântico inglês William Turner, também famoso pelas suas turbulentas pinturas marítimas. Conta-se que certa vez pediu para ser amarrado ao mastro de um barco em dia de tempestade, equipado de tela, pincéis e tintas para dessa forma melhor captar e pintar a natureza rebelde do mar.

O resultado foi *Tempestade de Neve – Navio à entrada do porto* (1842) que o crítico de arte da época, John Ruskin, defendeu como “uma das afirmações mais grandiosas do movimento do mar, névoa e luz que jamais foram retratadas numa tela.”

Mudam-se os tempos e surgem novas tecnologias, mas as vontades muitas vezes são as mesmas.

Esta lenda serve para ilustrar a metodologia utilizada por Helder Luís para filmar o mar. Uma pequena câmara e microfones digitais foram afixados à proa de pequenas embarcações de pesca.

Dispositivos tecnológicos que permitiram gravar o modo como o barco navega mar adentro, como sobe e desce as ondas, proporcionando desta forma uma intensa experiência audiovisual de navegação a bordo de um barco de pesca como uma traineira.

A técnica utilizada em *MAR* possibilitou planos de submersão numa massa de água, junto com os sons naturais e a tremenda banda sonora. Uma peça musical, de inspiração cinematográfica, que acompanha toda a instalação em tom dramático e de um encantamento hipnótico.

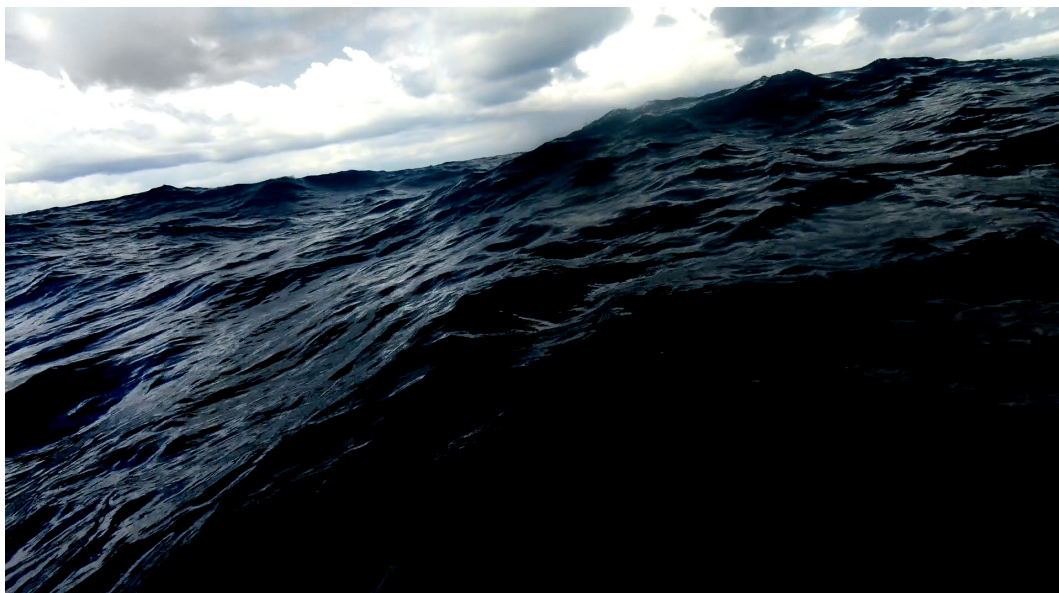
Nesta obra o enquadramento visual do elemento água, uma fracção do imenso oceano Atlântico, confronta e exige o nosso atento olhar. Por vezes, a água inunda todo o plano, e noutras, o plano abre-se e vislumbra-se a linha do horizonte.

Esta linha é como uma pauta onde se escreve a imagem ao ritmo da música.

Se para o fotógrafo Hiroshi Sugimoto na sua série *Seascapes*, iniciada em 1980, a linha do horizonte está sempre ao meio do enquadramento da imagem fotográfica, às vezes difusa, criando desta forma um efeito contemplativo, imbuído de uma abstracção meditativa. Já em *MAR* a linha do horizonte oblíqua reflecte a agitação da água e a cadência da navegação ao ritmo das ondas. A oscilação visual do plano, isto é, a linha do horizonte que nunca está no meio do enquadramento – ou vê-se a massa de água do mar, ou o azul do céu carregado de nuvens – realça o (des) equilíbrio visual do plano, que acompanhado pela banda sonora são o grande feito audiovisual da instalação. Na obra *MAR* de Helder Luís, não se recorre a registos áudio ou vídeo do passado, mas a imagens e sons do mar e da actividade laboral do pescador do nosso tempo.

Este contemporâneo *MAR*, no futuro, será um documento de arquivo e uma obra única sobre o nosso clássico mar.

¹ Seguiu-se a tradução de Pedro Tamen. Fenda Edições, 1988



©ZOBIB HELDER LUÍS / IMAGEM FETURIDA DO VÍDEO DA INSTALAÇÃO "MAR"

MAR, Helder Luís (vídeo, cor, som multicanal (6.1) / duração: 30'00" / projeção: 16:9 HD / data: 2018)

MAR pretende exprimir o que foi, e ainda é, partir para o mar. Experimentar essa realidade que envolve ter o desconhecido à nossa frente e abandonar o familiar atrás de nós. A dicotomia entre estes dois mundos que se fundem e se separam em vários momentos da vida. O ser humano como explorador e como ser sensível e social que sente a dor e a esperança enquanto luta contra o mar e contra os seus próprios demónios. Cada viagem é uma oportunidade para uma transformação pessoal. Enfrentamos os nossos medos e receios. Não importa o destino, mas sim o caminho que é necessário percorrer. É esse caminho, que depois de percorrido, nos leva a um lugar ausente de tempo e espaço. Um lugar que nós conhecemos muito bem, mas do qual já não temos memória. O pescador poveiro encontrava esse lugar no mar, assim como o pastor o encontra na montanha. Essa é a nossa derradeira fronteira, a nossa paz interior. *MAR* é uma meditação sobre esse lugar. *MAR* questiona-nos sobre a nossa condição enquanto seres humanos e a reverência perante a natureza ("Deus"), e o impulso humano e a sua necessidade constante em desafiar algo maior do que a sua própria vida. Utilizo a imagem em movimento para representar visualmente o mar mas é através do som que construo uma narrativa espacial e temporal que coloca o visitante numa posição central permitindo-o experienciar o futuro, o presente e o passado que coexistem e acontecem em planos espaciais distintos na instalação. O único elemento visual que propositadamente escolhi mostrar foi o mar. Este não mudou, continua indomável, misterioso e impenetrável.

O que vemos nesta instalação é também o que os pescadores poveiros vêm e sempre viram à sua frente, um horizonte carregado de sofrimento e esperança. O que ouvimos num primeiro plano, à nossa frente, é o som ambiente e a banda sonora. Num segundo plano,

central, ouvimos a vida a bordo dos barcos, o trabalho, o cansaço, o desespero e a esperança. Num terceiro plano (atrás de nós), ouvimos homens e mulheres em terra a trabalhar e somos como que transportados de volta a uma época em que ser Poveiro era ser algo mais do que apenas um pescador.

A narrativa desta instalação está assente numa realidade que eu próprio, até então, nunca tinha experienciado. Nunca fui pescador, nem nunca antes me tinha aventurado em alto mar, tal como a maior parte da minha geração tão pouco o fez. Mas o que sempre me impressionou foi essa mistura de coragem por parte de homens, conhecidos como "Lobos do Mar", e com a forma como o pescador Poveiro subsistia, unicamente do mar, e a degradação social e económica resultante de não poder ir ao mar, o seu único sustento. Essa degradação social, que resultou no estigma de ser pescador, afastou várias gerações desta herança e apagou da nossa memória um povo único.

MAR foi, e é através do trabalho que continuo a desenvolver, a oportunidade para me reconciliar com este passado e cultura, que também são meus. Esta é a minha pequena contribuição para a celebração de um passado, mas também, e talvez mais importante do que isso, a celebração de um presente que será certamente passado um dia.

Agradecimentos: CMPV (Aires Pereira, Luís Diamantino, Francisco Casanova), MAC de Serralves, Cine Teatro Garrett (Manuela Ribeiro), BMPV (Manuel Costa), MMPV (Deolinda Carneiro), Capitania do Porto da PV (José Manuel Marques), APMSHM (José Festas), Maria do Desterro, Pedro Oliveira, Daniel Curval, Cesário Alves e especialmente aos patrões, mestres e tripulações das embarcações Senhora dos Anjos, Domingos Manuel, Cristo Jovem, Fúria, Fujitivo e Virgem Santíssima sem os quais nunca teria encontrado o meu caminho.

HELDER LUÍS

Póvoa de Varzim, 1973

Designer, artista multimédia e músico.

Estudou design gráfico e tipografia e desde 1996 trabalha para inúmeras empresas e instituições dentro e fora de Portugal. O seu trabalho de design gráfico foi exposto em vários eventos nacionais e internacionais e publicado em inúmeras publicações incluindo a revista *Publish* e o livro *Marcas & Trademarks PT*, aonde figuram várias marcas desenhadas por si ao longo dos anos.

Como artista multimédia desenvolveu inúmeros trabalhos individualmente e em colectivos como *Ginsonic* (com Dario Oliveira e Miguel Dias), *Houselab* (com João Paulo Feliciano, Rafael Toral, Rui Toscano e Rui Gato), *Landscape* (com João Pedro e Sérgio Gomes) ou *System Modular* (com João Santos e Carlos Lobo) entre outros.

Como músico integrou alguns projetos, entre eles *Clockwork*, e apresentou-se a solo como músico experimental em vários concertos explorando a guitarra como gerador de som. Colaborou também, como artista, designer multimédia e consultor, com artistas como Cesário Alves, John Baldessari, João Carriho, João Paulo Feliciano, Julião Sarmento, Lawrence Weiner, Rafael Toral, Rui Horta, Rui Toscano, entre outros.

Apresentou o seu trabalho em exposições

individuais e colectivas e em eventos ou instituições como Art Attack, Bienal da Maia, CAM/ACARTE, Curtas, Dança do Brasil (Rio de Janeiro), ESAD, ExperimentaDesign, Expo2000 (Hannover), Fonoteca, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto2001, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Ravinia Classical Music Festival (Chicago), Rivoli, Silo – Espaço Cultural entre outros.

Em Junho de 2018 apresentou no Museu de Arte Contemporânea de Serralves a instalação *MAR*, que abriu as portas para a exploração da temática do mar e dos pescadores e desde então tem vindo a fotografar, filmar e a capturar som a bordo de várias embarcações ao largo da costa Portuguesa e algures no Atlântico ao redor dos Açores.

Em Novembro de 2018 apresentou, na Solar – Galeria de Arte Cinemática, a instalação *Under the Above*. Uma peça que explora a temática do afogamento e os sentimentos de abandono e solidão em alto mar.

Neste momento frequenta o mestrado de Fotografia e Cinema Documental na ESMAD com o objetivo de desenvolver o projeto documental intitulado *7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares* sobre os pescadores da Póvoa de Varzim, integrado numa residência artística apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.



MAR PVZ 19/20

Apresentação da residência artística

Esta residência artística surge no seguimento do trabalho que tenho vindo a desenvolver posterior à instalação *MAR*, que concebi a convite do Museu de Arte Contemporânea de Serralves e que esteve instalada na Capela de Serralves em Junho de 2018.

Esta é uma oportunidade para levar muito mais longe o trabalho que realizei com a instalação *MAR*, e posteriormente com a instalação *Under the Above*. Paralelamente a estas obras tenho vindo a desenvolver um trabalho documental que pretendo agora explorar mais a fundo e dedicar dois anos da minha vida a fotografar, filmar e a pensar no mar e nas pessoas que ainda hoje vivem dele. É minha intenção transformar esse trabalho em objetos e interpretações artísticas e documentais dessa realidade que perdurarão no tempo e serão testemunhos no futuro de um período de tempo singular em que ainda tínhamos uma relação com o mar remotamente semelhante à que os nossos antepassados tiveram, e que dentro de muito pouco tempo já não existirá por completo.

Durante a produção da instalação *MAR* embarquei em vários barcos de pesca poveiros e essa experiência tocou-me de uma forma que ainda hoje não consigo compreender totalmente. É difícil entender se foi apenas a experiência de estar no mar, a partilha de momentos únicos ou a cumplicidade com os pescadores que me aceitaram como um deles, ou se foi algo que se revelou, inesperadamente, dentro de mim. O certo é que quero ir para o mar, e sempre que vou levo comigo a ansiedade de capturar algo tão fugaz e imaterial que provavelmente habita apenas dentro de mim, mas mesmo

assim vou armado de uma ingenuidade que é própria de quem persegue algo que sabe existir. Nunca antes tinha questionado a minha relação com o mar nem com a pesca ou os pescadores poveiros. No entanto, a minha ligação ao mar é certamente resultado de ter vivido a minha infância e a maior parte da minha vida adulta na Póvoa de Varzim, perto do mar. Mas após o convite de Serralves algo em mim automaticamente despertou para esta questão. Realmente, existia e existe em mim uma relação muito mais profunda do que aquela que conscientemente pensava existir.

E que relação é essa? As minhas primeiras memórias remetem-me para os passeios junto ao mar, pelo cais e porto de pesca com o meu avô João Silva, que não era pescador, ao contrário do resto da sua família, mas sim um alfaiate reformado que chegou a imigrar para o Brasil (como muitos poveiros). As visitas à loja junto à praia para comprar peixe com a minha mãe e os dias passados junto à enseada onde os pequenos barcos se abrigavam, e pelo porto de pesca com a sua constante entrada e saída de barcos.

Anos mais tarde, quando já era um pouco mais velho, percorria o cais sozinho ou por vezes acompanhado de amigos. Admirava as gigantescas pedras de granito que protegiam o cais da fúria do mar e explorava os espaços entre elas como se de grutas se tratassem. Era uma experiência particularmente excitante quando o mar estava mais agitado, já que as ondas por vezes galgavam o paredão e molhavam quem por lá passava.

Ainda hoje os poveiros percorrem o cais em dias de bom tempo para sentirem os salpicos de água salgada na face, tal como os pescadores o sentiram e ainda hoje o sentem ao passarem a barra.

As mulheres dos pescadores vestidas de preto eram também uma visão constante. Havia uma dor que permeava esta gente e ao crescer na Póvoa de Varzim, inevitavelmente somos expostos a esta dor que acaba por fazer parte da nossa cultura. O perigo e a morte estavam presentes, quer por ver partir os pescadores, quer pelas histórias dos naufrágios que nos chegavam de tempos em tempos. A vida em terra e no mar estava intrinsecamente ligada a essa realidade de coragem e dor, especialmente se vivéssemos junto da comunidade piscatória ou se tivéssemos familiares que fizessem parte dela.

No âmbito desta residência artística pretendo editar três livros acompanhados das suas respectivas exposições de fotografia, e produzir duas novas instalações e um documentário. As exposições estarão patentes no Museu Municipal e n'A Filantrópica. As instalações serão mostradas junto à Igreja da Lapa e na



capela da fortaleza de N^ª Sr^ª da Conceição. O documentário será exibido pela primeira vez no Cine-Teatro Garrett.

A residência artística arranca em Março de 2019 com a exibição do vídeo da instalação *MAR*. Este é, simbolicamente, o arranque da residência artística.

Em Junho partimos mar dentro através do projeto *Atlântico*, um projeto fotográfico que relata a minha viagem da Póvoa de Varzim até Ponta Delgada e a pesca ao largo dos Açores, a bordo do *Íris do Mar*.

Em Setembro apresento o projeto *Sardinha*, um livro e uma exposição de fotografia sobre os homens que ainda hoje pescam esta espécie tão procurada pelos Portugueses e atualmente em risco de extinção.

Em 2020, apresentarei uma instalação multimédia ao ar livre, junto à Igreja da Lapa, intitulada *Supplica*, em evocação à tragédia de 27 de Fevereiro de 1892. A seguir, em Junho, apresentarei uma instalação sonora reativa intitulada *Búzio* na capela da fortaleza de N^ª Sr^ª da Conceição.

O projeto final, intitulado *7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares*, é um projeto extenso que será desenvolvido ao longo dos dois anos da residência artística e que resultará num livro, numa exposição de fotografia e num documentário.

Este projeto será integrado, no mestrado de fotografia e cinema documental que frequento atualmente na ESMAD, como tese de mestrado.

2019

MAR

Apresentação da residência artística
Sessão especial com projeção do vídeo da instalação *MAR* na sala principal
Março – Cine-Teatro Garrett

Atlântico

Livro e exposição de fotografia
Junho – Museu Municipal

Sardinha

Livro e exposição de fotografia
Setembro – A Filantrópica

2020

Supplica

Instalação multimédia
Fevereiro – junto à Igreja da Lapa

Búzio

Instalação sonora reativa
Junho – Capela da Fortaleza de N^ª Sr^ª da Conceição

7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares

Livro e exposição de fotografia
Outubro – Museu Municipal
Apresentação do documentário
Dezembro – Cine-Teatro Garrett

23 de Março, 2019 às 21:30

www.marpvz.pt

Apresentação da residência Artística
MAR PVZ 19/20 e sessão especial com
a exibição do vídeo da instalação MAR
Sala principal do Cine-Teatro Garrett

Entrada livre



SERRAVES

Garrett
cine-teatro

**MAR
PVZ
19/20**